

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Diário da Noite - 8-8-62

CURSO DE EXTENSÃO CULTURAL

* A Universidade do Recife, serviço de Extensão Cultural, em colaboração com a Embaixada da França no Brasil, a Faculdade de Filosofia de Pernambuco e a Escola de Belas Artes de Pernambuco:

Contribuições francesas à cultura moderna. Curso de extensão universitária promovido pela Universidade do Recife (Serviço de Extensão Cultural, Faculdade de Filosofia de Pernambuco e Escola de Belas Artes) em colaboração com a Embaixada da França no Brasil. Professores: prof. Matore, Diretor do Curso de Civilização Francesa da Sorbonne, prof. Ginestier, da Universidade de Hull (Inglaterra), prof. Guiraud, da Universidade de Groningue (Holanda) e prof. Beaulieu, Agregado da Universidade. Data: de 6 a 10 de agosto de 1962.



IONESCO E BEAULIEU

Hoje este colunista vai parecer para alguns um pouco antipático. Mas alguém tem de ser antipático, de vez em quando. Se o moderno pensamento, francês, no setor do teatro, conta apenas com este monsieur le professeur Beaulieu para representá-lo seria preferível que os franceses nos enviassem Brigitte Bardot. Seria mais interessante. Para a França e para nós.

Le professeur Beaulieu foi personagem de Ionesco. Não disse absolutamente nada de novo sobre Ionesco ou sobre outro assunto. Minto. Disse uma coisa nova: que psicodrama ("quelquer chose" com que se assemelham as peças de Ionesco) é aplicado às crianças. Nós sabemos, há bastante tempo, que psicodrama é uma técnica psicoterápica que já ultrapassou os limites da simples experiência. E é aplicada aos adultos com resultados muito positivos, em certos casos. Não é somente passatempo infantil, monsieur le professeur.

Que Ionesco joga com a palavra, com o "non-sense", que seu ponto de partida é o livro de lição inglês, que elaborou sobre a vacuidade das atitudes cotidianas, tudo isso já é conhecido demais desde que Ionesco foi montado pela primeira vez no Brasil, creio que por volta de 55, se não antes.

Mas monsieur Beaulieu falou de tudo isso como se estivesse revelando um mundo novo ao Brasil.

É contra essa mentalidade que alguém tem que ser antipático hoje. Há pouco tempo, surgiu entre nós um outro senhor. De outra procedência, mas com a mesma capacidade de revelar o que de mais acadêmico se conhece a respeito de teatro. Vinha dos Estados Unidos, o tal de Mr. Richards, enviado pelo Departamento de Estado para "estabelecer intercâmbio cultural" conosco. Mais tarde, enviaram um grupo de atores (alguns famosos) que se diziam pertencentes ao Actor's Studio, de Lee Strasberg, de onde surgiu o estilo de interpretação lançado ao mundo, através do cinema, por Marlon Brando. Não eram que medíocres, na soma dos valores. Há muita coisa melhor aqui.

Tem aparecido outros, só os ou em coro, que parecem considerar o Brasil como um país onde teatro é canguru. Ou seja, é tão estranho que só existe na Austrália.

Essa mentalidade (e os cuidados) nasce do costume de avaliar nosso país como país do importador, exclusivamente. País incapaz de desenvolver suas próprias potencialidades, exportador de matérias-primas e importador eterno de tudo que é manufatura. Logo, importador também de cultura. Eles estão ficando objeto de museu ao pensar que permaneceremos sempre importando tudo. Já houve época em que precisávamos de diretores e textos estrangeiros para mastigar nosso incipiente teatro. Hoje a coisa está mudando. Um país não é livro mofado em prateleira. É dinâmico. Muda. Cresce. Descobre seus destinos. O teatro também, monsieur Beaulieu.

Nós já conhecemos Ionesco e ele não nos deu muita coisa que pudéssemos aproveitar para nosso teatro, imaturo e insuficiente, é verdade, mas corajoso, vital e — o que é importante — novo, monsieur le professeur Beaulieu.

Se pelo menos monsieur fizesse sobre as últimas experiências francesas no campo da dramaturgia e da encenação. Mas, segundo le professeur, Ionesco é pai e mãe de toda a vanguarda francesa. Tant pire.

Le professeur confessor que foi apresentado há pouco tempo um texto — o único francês — de tendência social, em Paris. Trata-se de uma obra de Salacroux. Não o conheço, mas um novo, que, percebendo a falta de horizonte do teatro moderno, buscou no social uma solução. Não conheço a peça senão de ouvir falar, confesso. Mas, de ouvir, sei que se trata do julgamento de um líder proletário. Le professeur contou que o público desse espetáculo era de trabalhadores.

O senhor está no Nordeste brasileiro, monsieur Beaulieu, não sabia que é uma das regiões de maior inquietude cultural do continente? Deveria, monsieur Beaulieu.

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5537
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org

Última Hora - 8-8-62